

ALFABETIZAÇÃO FINANCEIRA DAS MULHERES: NEM TODAS SÃO IGUAIS!

Kalinca Léia Becker¹

Kelmara Mendes Vieira²

Taiane Keila Matheis³

Ana Carolina Constante Costa⁴

Resumo: Quase a totalidade dos estudos demonstra que as mulheres são menos alfabetizadas financeiramente do que os homens. Entretanto, pouco se sabe sobre as diferenças existentes entre elas. Dessa forma, o objetivo do estudo é identificar se e como os diferentes perfis interferem no nível de alfabetização financeira das mulheres. Com uma amostra diversa de 1750 mulheres, os resultados indicam que as variáveis sociodemográficas interferiram diretamente no modelo desenvolvido de alfabetização financeira. Assim, nem todas as mulheres são igualmente alfabetizadas financeiramente, já que mulheres não brancas, com baixa renda e baixo grau de instrução obtiveram os piores resultados.

Palavras-chaves: Alfabetização financeira; Gênero; Diferenças.

Abstract: Almost all studies demonstrate that women are less financially literate than men. However, little is known about the differences between women. Thus, the objective of the study is to identify if and how the different profiles interfere in the level of financial literacy of women. With a diverse sample of 1750 women, the results indicate that the sociodemographic variables directly interfered in the developed model of financial literacy. Thus, not all women are equally financially literate, as non-white, low-income, and low-education women achieved the worst results.

Keywords: Financial literacy; Gender; Differences.



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.

1 Doutora em Economia Aplicada - Universidade de São Paulo. Professora - Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). E-mail: kalinca.becker@ufsm.br. ORCID: <<https://orcid.org/0000-0002-6896-9411>>.

2 Doutora em Administração pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professora titular da Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: kelmara.vieira@ufsm.br. ORCID: <<http://orcid.org/0000-0002-8847-0941>>.

3 Doutoranda em Administração pela Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: taiane.keila@acad.ufsm.br. ORCID: <<https://orcid.org/0000-0003-2427-878X>>.

4 Graduanda em Administração pela Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: ana.constante@acad.ufsm.br. ORCID: <<https://orcid.org/0000-0001-5068-7363>>.

Introdução

A literatura apresenta amplas evidências de que há um *gap* de alfabetização financeira entre homens e mulheres. Quase a totalidade dos estudos demonstra que as mulheres são menos alfabetizadas financeiramente do que os homens (Almenberg; Dreber, 2015; Bannier; Neubert, 2016; Boisclair; Lusardi; Michaud, 2017; Cupák *et al.*, 2018; Fauzi; Antoni; Suwarni, 2020; Fletschner; Mesbah, 2011; Hauff *et al.*, 2020; Kadoya; Khan, 2020; Karakurum-Ozdemir, 2019; Klapper *et al.*, 2015; Lusardi, 2019; Murendo; Mutsonziwa, 2017; Tinghög *et al.*, 2021).

Dentre as possíveis explicações para a existência desse descompasso, estão a menor participação das mulheres no mercado de ações (Almenberg; Dreber, 2015; Bannier; Neubert, 2016) e de bitcoins (Bannier, 2019); maior probabilidade de responderem “não sei” em questões de risco e diversificação (Boisclair; Lusardi; Michaud, 2017); o baixo nível de conhecimento digital (Fauzi; Antoni; Suwarni, 2020); o baixo nível de informação financeira (Fletschner; Mesbah, 2011); o baixo nível educacional (Karakurum-Ozdemir, 2019); a menor confiança ao responder questões financeiras (Lusardi, 2019); e a baixa participação das mulheres em decisões econômicas quando comparadas aos homens (Cupák *et al.*, 2018).

A menor participação das mulheres no mercado de renda variável deve-se a uma série de fatores, como o desinteresse e a falta de confiança por assuntos financeiros desde a infância, já que é necessário conhecimento e autoconfiança para realizar investimentos em renda variável (Cupák; Fessler; Schneebaum, 2021). Essa insegurança pode ser inclusive uma das razões pelas quais as mulheres marcam mais a opção “não sei” (Potrich; Vieira; Paraboni, 2022) nos instrumentos que identificam o nível de conhecimento financeiro. Além disso, a informação exerce papel primordial para o desenvolvimento de boas aplicações financeiras. Nesse viés, em algumas comunidades de países emergentes, as mulheres possuem menores probabilidades de serem informadas sobre instituições financeiras (Fletschner; Mesbah, 2011).

Além disso, as diferenças entre os gêneros estão muito associadas aos estereótipos criados, tanto nos grupos das mulheres, que influenciam psicologicamente umas às outras (Tinghög *et al.*, 2021), quanto na estrutura social das famílias (Driva *et al.*, 2016, Zaimovic *et al.*, 2023). Na estrutura familiar, geralmente os homens têm acesso precoce a conversas financeiras comparados ao gênero feminino na mesma etapa de desenvolvimento (Agnew; Cameron; Agnew, 2015; Lanz; Danes, 2020; Serido *et al.*, 2020). Nesse ambiente, é recorrente que meninas se responsabilizem por atividades do lar e meninos se responsabilizem pelo gerenciamento financeiro doméstico

(Ward; Lynch, 2019). Portanto, torna-se recorrente que, na vida adulta, mulheres optem por profissões que envolvam atributos como cuidados, sensibilidade e paciência (Barroso; Gama, 2022).

Ao mesmo tempo, a literatura de alfabetização financeira apresenta evidências de que outras variáveis de perfil interferem na alfabetização financeira, como grau de instrução (Garg; Singh, 2018; Kadoya; Khan, 2020; Klapeer; Lusardi, 2020), já que o maior nível educacional aumenta a probabilidade de o indivíduo obter conhecimentos financeiros e, assim, alcançar a alfabetização financeira. Rendas elevadas aumentam as chances de o usuário buscar outros meios de investimentos, além de propiciar outros acessos de educação financeira (Kadoya; Khan, 2020). Pessoas com baixa renda são menos alfabetizadas financeiramente (Lusardi; Messy, 2023).

Em relação à idade, diversos autores abordam a variável (Boisclair; Lusardi; Michaud, 2017; Kadoya; Khan, 2020; Mitchell; Lusardi, 2022), mas não há um consenso nas pesquisas existentes. Para Kadoya e Khan (2020), a alfabetização financeira aumenta conforme a idade do indivíduo, porém estagna na meia idade. Segundo os autores, os jovens são menos alfabetizados financeiramente do que indivíduos mais velhos. Pesquisas desenvolvidas no Canadá também apontaram que pessoas acima de 40 anos possuem maior probabilidade de ter conhecimentos de juros e inflação, por terem vivenciado períodos econômicos recessivos. Em contraponto, aposentados apresentaram grandes dificuldades financeiras, dentre elas manter a acumulação de riqueza (Mitchell; Lusardi, 2022).

Para o estado civil, casados com dependentes podem apresentar melhor nível de alfabetização financeira, visto que há a necessidade de dar segurança à família (Correio; Da Silva Correio, 2020), logo são mais motivados a aprender sobre finanças (Diem *et al.*, 2023). Solteiros são mais propensos a riscos (Flores; Vieira; Coronel, 2013) e solteiros e viúvos possuem maior propensão ao endividamento (Vieira; Flores; Campara, 2014). Indivíduos com dependentes apresentaram probabilidades menores de pertencer ao grupo com alto nível de alfabetização (Kunkel; Vieira; Potrich, 2015; Potrich; Vieira; Kirch, 2015; Scheresberg, 2013).

Para a ocupação (Kadoya; Khan, 2020; Struckell *et al.*, 2022), profissionais estáveis, como funcionários públicos, profissionais liberais e que possuem os próprios negócios, tendem a apresentar melhores atitudes e comportamentos, e logo obter bons níveis de alfabetização financeira, assim como aqueles que possuem alguma religião. Em pesquisas desenvolvidas por De Oliveira e Silva *et al.* (2017) e Maluf, Silva e Cordeiro (2021), indivíduos

que declaram ser adeptos a alguma religião obtiveram melhores resultados em conhecimentos financeiros.

Adultos residentes em zonas rurais têm maior probabilidade de ter uma baixa renda (Ansar; Klapper; Singer, 2023) e menor chance de possuir conhecimentos financeiros e acesso bancário. Países africanos, como Benin, Burkina Faso, Costa do Marfim, Nigéria, Senegal e Sudão do Sul, têm diferenças de gênero significativas (Demirguc-Kunt *et al.*, 2022), o que representa maior exclusão financeira e menor alfabetização financeira.

Também se destacou, em pesquisas publicadas, a desbancarização advinda de dificuldades em utilizar ferramentas financeiras bancárias e baixa escolaridade (Ansar; Klapper; Singer, 2023; Lusardi; Messy, 2023), não ter emprego formal e residir em áreas rurais (Ansar; Klapper; Singer, 2023), falta de documentação necessária e o fato de algum membro da família, normalmente do gênero masculino, já possuir conta em instituições financeiras (Demirguc-Kunt *et al.*, 2022).

Quanto à raça, estudos (Angrisani *et al.*, 2021; Boisclair; Lusardi; Michaud, 2017; Lusardi; Mitchell, 2011) afirmam que pretos e hispânicos são menos alfabetizados financeiramente quando comparados aos brancos (Al-Bahrani; Weathers; Patel, 2019). Nos achados de Kim e Xiao (2021), brancos apresentaram níveis mais adequados de conhecimento financeiro, se comparados a outros grupos raciais minoritários. Segundo Al-Bahrani, Weathers e Patel (2019), o racismo estrutural pode afetar crédito, patrimônio, taxas de juros, formação de poupança e riquezas intergeracionais.

Segundo Klapeer, Lusardi e Van Oudheusden (2015), é necessário entender as diferenças existentes, sobretudo sobre o grupo de mulheres negras e hispânicas (Clark *et al.*, 2021) e a população mais vulnerável. Assim, este estudo busca entender como essas diferenças de perfil interferem na alfabetização financeira das mulheres. Em vista disso, o objetivo deste estudo é identificar se e como os diferentes perfis interferem no nível de alfabetização financeira das mulheres.

Esta pesquisa inova em diversos aspectos. Primeiro, por ser um estudo com uma amostra ampla e diversa de mulheres em um país em desenvolvimento, contribuindo com evidências para um contexto ainda pouco explorado. Segundo, por identificar o grupo de mulheres mais vulneráveis quanto à alfabetização financeira, o que é fundamental para a construção de políticas públicas direcionadas aos perfis mais carentes. Terceiro, por chamar a atenção da literatura de gênero em alfabetização financeira para os níveis da alfabetização financeira do grupo de mulheres, que são bastante diversos, demonstrando a necessidade de construção de análises mais robustas para o

maior entendimento do *gap* existente, inclusive utilizando as ideias teóricas do feminismo plural (Borges; Da Cunha; Lopes, 2022; Hooks, 2019; Santos, 2022; Nunes; Macedo, 2023).

1 Referencial teórico

A alfabetização financeira é um tema emergente, e a literatura dos últimos 30 anos vêm o estudando para compreender o seu impacto no bem estar dos indivíduos, desde a juventude até a velhice (Fornero; Lo Prete, 2023). Tal assunto é tão relevante que impacta diretamente a economia individual e coletiva. Apesar de diversos autores ainda usarem o termo como sinônimo de conhecimento financeiro (Potrich; Vieira; Kirch, 2016; Rodrigues *et al.* 2023), é relevante pontuar que alfabetização financeira é algo mais complexo, pois permite que o indivíduo tenha habilidades para tomar decisões assertivas e propicia melhor entendimento a respeito do mundo e da cidadania (Lusardi; Messy, 2023). A alfabetização financeira pode ser definida como uma ferramenta para entender como as pessoas constroem, gerenciam e acumulam suas riquezas pessoais (Fornero; Lo Prete, 2023).

A *Organization for Economic Cooperation and Development* (OECD, 2013) conceituou a alfabetização financeira como uma combinação de consciência, conhecimento, habilidade, atitude e comportamento, necessária para que os indivíduos busquem decisões financeiras assertivas. Em 2018, todavia, a OECD aborda o tema a partir do enfoque conhecimento e compreensão de riscos financeiros, como também habilidades e atitudes para implementar o conhecimento adquirido em uma variedade de contextos, envolvendo finanças. A conceitualização da OECD de 2013 é baseada em conhecimento financeiro, comportamento financeiro e atitude financeira. Para a de 2018, conhecimento financeiro e educação financeira se referem a taxas de juros, inflação, cálculos financeiros e produtos de investimentos. Segundo Vieira, Junior e Potrich (2020), somente o conhecimento não é o suficiente para mensurar a alfabetização financeira, tendo em vista que a influência da educação financeira sobre os comportamentos é mensurada através das atitudes dos indivíduos.

Comportamento financeiro refere-se ao modo como os usuários de bens e serviços aplicam seus conhecimentos e tomam decisões, ou seja, a aplicabilidade de conhecimentos e atitudes financeiras, quer lhes sejam favoráveis ou não. Para a OECD (2013), atitudes financeiras são predisposições individuais advindas de crenças e valores pessoais, que determinam o comportamento do indivíduo.

Pesquisas desenvolvidas mostram que baixos níveis de alfabetização financeira afetam países desenvolvidos e subdesenvolvidos, com ênfase a subgrupos vistos como vulneráveis, como mulheres, indivíduos com baixa escolaridade e renda (Lusardi; Messy, 2023). Para as autoras, a temática é tão relevante que diversos países passaram a implementar ações voltadas à alfabetização financeira, devido ao fato que os altos índices de analfabetismo impactam diretamente nas políticas de previdência pública e privada. A alfabetização financeira pode influenciar diretamente na aposentadoria, pois cenários sustentáveis advêm de planejamentos financeiros que vislumbrem o longo prazo (Mustafa *et al.*, 2023).

Também é importante destacar a relevância que o gênero possui na formação de capital, em relação a aposentadoria e reformas previdenciárias, pois mulheres possuem maior expectativa de vida e maior interferência ao longo da vida, como a gestação e distribuição desigual de responsabilidade familiar (Fornero; Lo Prete, 2023). Além disso, consumidores com baixa alfabetização financeira podem ter dificuldades em encontrar produtos com melhor custo-benefício, como no mercado imobiliário (Lusardi; Messy, 2023), resultando em aquisições de dívidas pouco vantajosas.

Hasler *et al.* (2023) desenvolveram uma pesquisa para verificar o custo dos baixos índices de alfabetização financeira. Nesse estudo, os pesquisadores questionavam quantas horas cada indivíduo utilizava em sua semana para se preocupar com gastos financeiros pessoais e quantas dessas horas eram despendidas no ambiente laboral. O resultado apontou que mais de três horas são desperdiçadas, indicando a importância de se abordar a alfabetização financeira também no ambiente de trabalho.

Os dados mostram que colaboradores mais alfabetizados despendem apenas uma hora com planejamentos financeiros no trabalho (Lusardi *et al.*, 2023) e Clark (2023) aponta a importância que programas organizacionais voltados para finanças pessoais possuem na vida de funcionários e organizações. Para Lusardi e Messy (2023), programas que proporcionem a alfabetização financeira ao cidadão promovem a inclusão financeira.

Nesse sentido, faz-se necessário entender os *gaps* existentes, juntamente com o esclarecimento de sua acepção. “Gap” é um termo inglês que significa brecha e é utilizado como sinônimo de lacuna, separação, interrupção e diferença. Nos estudos de alfabetização financeira, *gaps* fazem alusão aos determinantes sociais e demográficos que interferem na homogeneidade da alfabetização financeira da população. Esses *gaps* podem se relacionar a diversos fatores, como os comportamentos vivenciados ao

longo da vida do indivíduo. Desse modo, o Quadro 1 apresenta as possíveis explicações para as diferenças entre os gêneros.

Quadro 1: Principais explicações para os *gaps* existentes entre gêneros

Autoria	Explicações
Cupák et al. (2018)	Desinteresse e falta de confiança por assuntos financeiros adquiridos desde a infância pelo gênero feminino.
Fletschner e Mesbah (2011)	Em algumas comunidades de países emergentes, as mulheres possuem menores probabilidades de serem informadas sobre instituições financeiras.
Potrich, Vieira e Paraboni (2022)	A falta de confiança pode ser uma das razões pelas quais as mulheres marcam mais a opção “não sei”.
Agnew e Cameron; Agnew (2015); Lanz e Danes (2020); Serido et al. (2020).	Na estrutura familiar, geralmente os homens têm acesso precoce a conversas financeiras, se comparados ao gênero feminino na mesma etapa de desenvolvimento.
Ward e Linch (2019)	As meninas são estimuladas a aprender atividades do lar, e os meninos são estimulados a se responsabilizar pelo gerenciamento financeiro doméstico.
Tinghög et al. (2021)	Diferenças entre os gêneros estão bastante associadas aos estereótipos criados.

Fonte: Elaborado pelas autoras (2023).

Já o Quadro 2 demonstra as variáveis demográficas, juntamente com as evidências e as fontes encontradas na literatura.

Quadro 2: Variáveis demográficas, evidências e fontes relacionadas à alfabetização financeira

Variável	Evidências	Autoria
Escolaridade	Maior nível educacional aumenta a probabilidade de o indivíduo obter conhecimentos financeiros e, assim, alcançar a alfabetização financeira.	Chen e Volpe (1998); Garg e Singh (2018); Kadoya e Khan (2020); Klapeer e Lusardi (2020)
Renda	Maior nível de renda influencia no maior nível de alfabetização financeira.	Kadoya e Khan (2020); Lusardi e Messy (2023)
Idade	Jovens e idosos são menos alfabetizados financeiramente. A alfabetização financeira cresce ao longo da idade e estagna na meia idade.	Boisclair; Lusardi; Michaud (2017); Kadoya e Khan (2020) Mitchell e Lusardi (2022)
Estado civil	Casados são mais alfabetizados financeiramente. Solteiros e viúvos são mais propensos aos riscos.	Correio e Da Silva Correio (2020); Diem et al. (2023) Flores, Vieira e Coronel (2013)
Número de dependentes	Influência na probabilidade de o indivíduo pertencer ao grupo de alto nível de alfabetização financeira.	Scheresberg (2013); Kunkel, Vieira e Potrich. (2015); Potrich, Vieira e Kirch (2015)
Ocupação	Funcionários públicos e profissionais liberais apresentam melhores níveis de alfabetização financeira.	Chen e Volpe (1998); Kadoya e Khan (2020); Struckell et al. (2022)
Religião	Indivíduos adeptos a alguma religião obtiveram melhores resultados	De Oliveira e Silva (2017); Maluf, Silva e Cordeiro. (2021)
Região	Adultos residentes em zonas rurais possuem maior probabilidade de ter uma baixa renda.	Ansar, Klapper e Singer (2023)
Desbancarização	Não ter emprego formal; residir em áreas rurais; não ter documentos formal	Klapeer, Lusardi, Van Oudheusden (2015); Potrich, Vieira e Kirch. (2016); Vieira et al. (2016); Klapper e Lusardi (2020); Goyal e Kumar (2021); Zaimovic et al. (2023)
Raça	Pretos e hispânicos são menos alfabetizados financeiramente; brancos possuem maiores conhecimentos financeiros.	Lusardi e Mitchell (2011); Boisclair, Lusardi e Michaud (2017); Al-Bahrani, Weathers e Patel (2019); Angrisani et al. (2021); Kim e Xiao (2021)

Fonte: Elaborado pelas autoras (2023).

2 Método

A pesquisa foi aplicada entre outubro de 2021 e janeiro de 2022, distribuída em 12 capitais e 20 cidades interioranas de todas as regiões brasileiras. Constou com uma amostra mínima de 1.750 mulheres, levando-se em consideração a população brasileira de 211.439.266 pessoas, estabelecida pelo IBGE (2020), com um nível de confiança de 95% e um erro amostral de 3%. As entrevistadas foram abordadas em espaços públicos e responderam a uma versão impressa do instrumento. As mulheres que aceitaram de livre e espontânea vontade participar da pesquisa assinaram o Termo de Consentimento.

O instrumento foi estruturado em vinte e seis questões, divididas em dois blocos. O primeiro bloco é formado por questões de perfil, que visam compreender as características socioeconômicas das participantes com o intuito de caracterizá-las. As variáveis que compõem o primeiro bloco são: idade, sexo, raça ou etnia, nível de escolaridade, número de dependentes, tipo de moradia, ocupação, faixa de renda, estado civil e questões como “No momento você possui crédito consignado?” e “Em relação aos seus gastos, você diria que: gasta mais do que ganha, gasta igual ao que ganha ou gasta menos do que ganha”.

O segundo bloco é formado por questões das pesquisas elaboradas por Vieira *et al.* (2023) e Potrich, Vieira e Kirch (2015), as quais pretendem avaliar o nível de alfabetização financeira. Para isso, as questões estão estruturadas nas três dimensões da alfabetização financeira definidas pela OECD (2013): conhecimento financeiro, atitude financeira e comportamento financeiro.

Inicialmente, o conhecimento financeiro foi mensurado por três questões de múltipla escolha, sobre inflação, taxa de juros, valor do dinheiro no tempo e diversificação. Para formular o nível de conhecimento dos respondentes, foi atribuído valor igual a 1 para as respostas corretas e valor igual a 0 para as incorretas. Portanto, o índice de conhecimento pode variar entre 0 e 3, onde 0 representa o indivíduo que errou todas as respostas e 3 assinala aquele que acertou todas. Dessa forma, essa dimensão visa medir o nível de conhecimento financeiro das respondentes.

Já a atitude financeira foi medida por três itens com escala de concordância do tipo *likert* de cinco pontos (1 – discordo totalmente a 5 – concordo totalmente). Nesse sentido, quanto mais o indivíduo concorda com as afirmações, pior é a sua atitude financeira. Por fim, o comportamento financeiro foi mensurado por seis itens através de uma escala de frequência do tipo *likert* de cinco pontos com alternativas de resposta entre nunca

(1), raramente (2), às vezes (3), frequentemente (4) e sempre (5). Esse construto visa identificar se as mulheres protegem ou arriscam seus recursos monetários. Ressaltando que, quanto maior a frequência, melhor é o seu comportamento financeiro.

A estatística descritiva foi utilizada a fim de caracterizar a amostra e descrever o comportamento das mulheres participantes da pesquisa. Na próxima etapa da pesquisa, utilizou-se a modelagem de equações estruturais para a construção do modelo de alfabetização financeira. Procedeu-se com a Análise Fatorial Confirmatória (AFC), com o objetivo de validar os construtos atitude financeira e comportamento financeiro, através da validade convergente, confiabilidade e unidimensionalidade. Para mensuração da validade convergente, foram utilizados os índices de ajustes absolutos: estatística qui-quadrado (χ^2), *Root Mean Square Error of Approximation* (RMSEA), além dos índices de ajustes comparativos: *Comparative Fit Index* (CFI), *Normed Fit Index* (NFI), *Tucker-Lewis Index* (TLI). Para análise do qui-quadrado/graus de liberdade, sugere-se valores abaixo de cinco. Para os demais índices: CFI, NFI, TLI, as recomendações são maiores do que 0,950. Todavia, na literatura, não há um consenso entre os valores aceitáveis, visto que alguns autores citam que resultados iguais ou superiores de 0,900 são admissíveis; para os valores de RMSEA, o recomendável é abaixo de 0,060 (Byrne, 2016; Hair et al., 2019; Kline, 2015).

Com a finalidade de testar a unidimensionalidade, foram observados os resíduos padronizados. Construtos que apresentaram resíduos padronizados inferiores a 2,58 foram considerados unidimensionais (Hair et al., 2019). Depois de efetuados os procedimentos para o ajuste do modelo, foi utilizado o Alpha de Cronbach dos construtos para avaliar a confiabilidade. Conforme Hair et al. (2019), para esse índice, são considerados satisfatórios resultados iguais ou superiores a 0,700.

Na sequência, realizou-se a análise da variância, que avaliou as diferenças de média entre grupos (HAIR et al., 2019), por meio da ANOVA – *One Way*, que foi realizada em três testes: i) homogeneidade da variância; ii) F ANOVA ou F de Welch e iii) Post-Hoc HDS de Tukey ou Post-Hoc de Games-Howell. Por fim, desenvolveu-se uma regressão linear, tendo como variável dependente o nível de alfabetização financeira e como variáveis independentes uma série de variáveis *dummies* descritas na Tabela 1.

Tabela 1: Descrição das variáveis *dummies*

Dummy	Valor zero (0)	Valor um (1)
Estado civil	Solteiras, viúvas, separadas, outros	Casadas
Raça	Pretas, pardas, indígenas, amarelas, outras	Branças
Moradia	Alugada, financiada, emprestada, outra	Própria
Dependentes	Possuem dependentes	Sem dependentes
Ocupação 1	Empregada assalariada, profissional liberal, autônoma, proprietária de empresa, não trabalha, outra	Funcionária pública
Ocupação 2	Funcionária pública, empregada assalariada, profissional liberal, autônoma, proprietária de empresa, outra	Não trabalha
No momento você possui crédito consignado?	Não	Sim
Com relação aos seus gastos, você diria que	Gasto igual ao que ganho, gasto menos do que ganho	Gasto mais do que ganho
Escolaridade 1	Ensino fundamental incompleto, ensino fundamental, curso técnico, ensino superior, especialização ou MBA, mestrado ou doutorado.	Ensino médio
Escolaridade 2	Ensino fundamental incompleto, ensino fundamental, curso técnico, ensino médio, especialização ou MBA, mestrado ou doutorado.	Ensino superior
Escolaridade 3	Ensino fundamental incompleto, ensino fundamental, curso técnico, ensino médio, ensino superior.	Especialização ou MBA, mestrado ou doutorado
Renda 1	Até R\$ 1.100; R\$ 2.200 a R\$ 4.400; R\$ 4.400 a R\$ 5.500 e acima de R\$ 5.500.	R\$ 1.100 a R\$ 2.200
Renda 2	Até R\$ 1.100; R\$ 1.100 a R\$ 2.200; R\$ 4.400 a R\$ 5.500 e acima de R\$ 5.500.	R\$ 2.200 a R\$ 4.400
Renda 3	Até R\$ 1.100; R\$ 1.100 a R\$ 2.200; R\$ 2.200 a R\$ 4.400 e acima de R\$ 5.500	R\$ 4.400 a R\$ 5.500
Renda 4	Até R\$ 1.100; R\$ 1.100 a R\$ 2.200; R\$ 2.200 a R\$ 4.400 e R\$ 4.400 a R\$ 5.500	Acima de R\$ 5.500

Fonte: Elaborada pelas autoras (2023).

3 Análise dos resultados

Para identificação do perfil das mulheres entrevistadas, apresenta-se a Tabela 2.

Observa-se, na Tabela 2, que existe uma certa homogeneidade em relação à faixa etária, visto que a amostra obteve respondentes dos 18 até os 97 anos. Mais de 77% se autodeclararam brancas, 22,5% possuem ensino superior e 26,6% possuem algum tipo de especialização, seja MBA ou mestrado e doutorado, 20,9% estudaram até o ensino fundamental e 29,9% até o ensino médio ou curso técnico. Apenas 38,8% apontaram não ter dependentes, e 63,2% já possuem casa própria, sendo o restante distribuído entre moradia alugada (19,2%), emprestada (6,5%) e financiada (8,3%).

Em relação à ocupação, os maiores percentuais são divididos entre profissionais assalariadas (34,4%), funcionárias públicas (28,6%) e autônomas (12,5%). Proprietárias de empresas e profissionais liberais somaram 7,3%, e apenas 11% declararam não trabalhar. Para estado civil, casadas representaram 47% e solteiras 31,9%, o restante foi distribuído entre separadas (10,7%) e viúvas (9,90%). No quesito renda individual, 40,8% recebem até R\$ 2.200,00, 58,3% entre R\$ 2.200,01 e R\$ 5.500,00 e 21,3% mais de R\$ 5.500,00. Na sequência, é possível verificar a Tabela 3, com a análise descritiva de comportamento financeiro.

Tabela 2: Perfil das mulheres segundo variáveis de idade, raça ou etnia, escolaridade, dependentes, tipo de moradia, ocupação, faixa de renda média mensal própria e familiar e estado civil

Variáveis	Alternativas	Frequência	Percentual
Idade*	Até 33 anos	471	25,3
	De 34 a 46 anos	426	25,9
	De 47 a 62 anos	424	25,8
	De 63 a 97 anos	377	22,9
Raça ou etnia	Branca	1285	77,5
	Preta	132	8,0
	Outras	242	14,5
Nível de escolaridade	Ensino fundamental incompleto	228	13,9
	Ensino fundamental	118	7,0
	Curso Técnico	109	6,6
	Ensino Médio	384	23,3
	Ensino Superior	370	22,5
	Especialização ou MBA	258	15,7
	Mestrado ou Doutorado	179	10,9
Possui dependentes	0	640	38,8
	1	594	36,0
	2	282	17,1
	3	87	5,3
	4 ou mais	47	2,9
Tipo de moradia	Própria	1044	63,2
	Alugada	317	19,2
	Emprestada	108	6,5
	Financiada	137	8,3
	Outra(a)	46	2,8
Ocupação	Funcionária pública	467	28,6
	Empregada assalariada	562	34,4
	Profissional liberal	47	2,9
	Autônoma	204	12,5
	Proprietária de empresa	72	4,4
	Não trabalha	185	11,3
	Outra. Qual?	98	6,0
Faixa de renda própria mensal	Até R\$1.100	262	16,0
	Entre R\$1.100,01 e R\$2.200,00	406	24,8
	Entre R\$2.200,01 e R\$3.300,00	286	17,5
	Entre R\$3.300,01 e R\$4.400,00	180	11,0
	Entre R\$ 4.400,01 e R\$ 5.500,00	154	9,4
	Entre R\$ 5.500,01 e R\$ 8.800,00	171	10,5
	Entre R\$ 8.800,01 e R\$ 11.000,00	93	5,7
	Entre R\$ 11.000,01 e R\$ 22.000,00	70	4,3
Acima de R\$ 22.000,01	13	0,8	
Estado civil	Solteira	529	31,9
	Casada ou relação estável	780	47,0
	Separada	177	10,7
	Viúva	165	9,9
	Outra	9	0,5

Fonte: Elaborada pelas autoras (2023).

Nota:* A idade foi recodificada, e dividida em quatro classes, a partir dos quartis identificados.

Tabela 3: Análise descritiva de comportamento financeiro

Item	Média	Percentual				
		Nunca	Raramente	Às vezes	Frequentemente	Sempre
Faço uma reserva de dinheiro que recebo mensalmente para uma necessidade futura.	2,67	31,4	18,2	18,8	15,1	16,5
Eu guardo parte da minha renda todos os meses.	2,56	34,2	19,1	17,6	14,3	14,7
Eu guardo dinheiro regularmente para atingir objetivos financeiros de longo prazo.	2,52	35,2	19,8	17,4	12,9	14,7
Eu passo a poupar mais quando recebo um aumento salarial.	2,69	31,1	17,7	19,3	14,9	17,1
Nos últimos 12 meses, tenho conseguido poupar dinheiro.	2,55	34,4	18,0	20,1	13,4	14,1
Antes de comprar algo, eu considero cuidadosamente se posso pagar.	4,15	5,1	5,3	14,3	19,9	55,4

Fonte: Elaborada pelas autoras (2023).

Ao analisar a Tabela 3, parte-se do princípio que as respostas que mais se aproximam de “sempre” representam os níveis mais adequados de comportamento financeiro. Portanto, verifica-se que o item que obteve maior média é “Antes de comprar algo, eu considero cuidadosamente se posso pagar”, com um valor de 4,15, e 55,4% de respostas sinalizadas como sempre. Tal fato indica que para a concretização de uma compra de bens e serviços, as respondentes analisam se a dívida a ser contraída está dentro do seu orçamento pessoal.

Entretanto, os outros cinco itens apresentam respostas médias abaixo de 3. O item que obteve a menor média (2,52) “Eu guardo dinheiro regularmente para atingir objetivos financeiros de longo prazo” indica que as mulheres não possuem um comportamento de economia e de poupança a longo prazo. Também se observa que o comportamento se repete no curto prazo, já que no item “Nos últimos 12 meses, tenho conseguido poupar dinheiro” mais de 50% das respondentes escolheram as opções “nunca” e “raramente”.

Tabela 4: Análise descritiva de atitude financeira

Item	Média	Percentuais				
		Nunca	Raramente	Às vezes	Frequentemente	Sempre
Eu tenho a tendência de viver o hoje e deixar o amanhã acontecer.	2,50	32,1	26,7	12,3	16,9	12,0
Considero mais gratificante gastar dinheiro do que poupar para o futuro.	2,36	30,4	31,5	17,5	12,4	8,2
O dinheiro é feito para gastar.	2,90	18,0	24,5	20,3	24,4	12,8

Fonte: Elaborada pelas autoras (2023).

Quanto à Tabela 4, parte-se do princípio de que as respostas médias que mais se aproximam de ‘nunca’ demonstram os níveis mais satisfatórios de atitude financeira. Dessa forma, observa-se quem em dois itens mais de 50% das mulheres entendem a importância de economizar para o futuro e de viver dentro da sua realidade financeira. Na sequência, a Tabela 5 demonstra as frequências de respostas para o conhecimento financeiro.

Tabela 5: Análise descritiva de conhecimento financeiro

Variáveis	Alternativas	Frequência	Percentual
Suponhamos que você recebeu R\$100,00 em uma conta de poupança e a taxa de juros seja de 2% ao ano. Após 5 anos, quanto você acha que teria na conta se deixasse o dinheiro render?	Mais de R\$ 102*	991	60,4
	Exatamente de R\$ 102	115	4,7
	Menos de R\$ 102	64	3,9
	Não sei	472	28,7
Imagine que a taxa de juros de sua conta poupança fosse de 1% ao ano e a inflação de 2% ao ano. Após 1 ano, com o dinheiro dessa conta, você seria capaz de comprar?	Mais do que hoje	74	4,5
	Exatamente o mesmo que compraria hoje	84	5,1
	Menos do que hoje*	991	60,1
	Não sei	499	30,3
Você acha que a seguinte afirmação é verdadeira ou falsa? “Comprar ações de uma única empresa geralmente oferece um retorno mais seguro do que um fundo mútuo de ações”.	Verdadeiro	68	4,1
	Falso*	653	39,6
	Não sei.	930	56,3

Fonte: Elaborada pelas autoras (2023).

Observa-se na Tabela 5 que mais de 60% responderam corretamente para a primeira e segunda variável, indicando que as respondentes possuem conhecimento a respeito de juros e inflação. Apesar de a maioria ter acertado as duas primeiras questões, quase 40% não acertou a variável, sinalizando que um percentual significativo de mulheres não possui conhecimentos financeiros básicos. Em se tratando de diversificação, apenas 39,6% acertaram a variável, o que indica que 56,3% das respondentes não sabem a importância de diversificar a carteira de investimentos. Tal dado reflete a baixa participação das mulheres brasileiras na bolsa de valores (Dalle Cort, 2023). Na Tabela 6, é possível verificar os diferentes níveis de conhecimento financeiro.

Tabela 6: Número de acertos por respondente, percentual válido, percentual de acerto, classificação e acumulado

Número de acertos	Frequência	Percentual válido (%)	Percentual de acertos (%)	Classificação	Porcentagem acumulativa
0	367	22,1	0	Baixo	45,0
1	381	22,9	33,33	Baixo	
2	494	29,6	66,66	Médio	29,6
3	422	25,4	100	Alto	25,4

Fonte: Elaborada pelas autoras (2023).

Verifica-se que apenas 25,4% das respondentes têm um alto índice de conhecimento de finanças básicas, envolvendo juros, inflação e diversificação, e 45% apresentam baixo conhecimento – 22,1% das respondentes não acertaram nenhuma questão.

A seguir, buscou-se criar uma medida geral de alfabetização financeira, a partir de uma estimação do modelo de equações estruturais. A Tabela 7 apresenta os índices iniciais e finais de ajuste, e a Figura 1 apresenta o modelo final estimado.

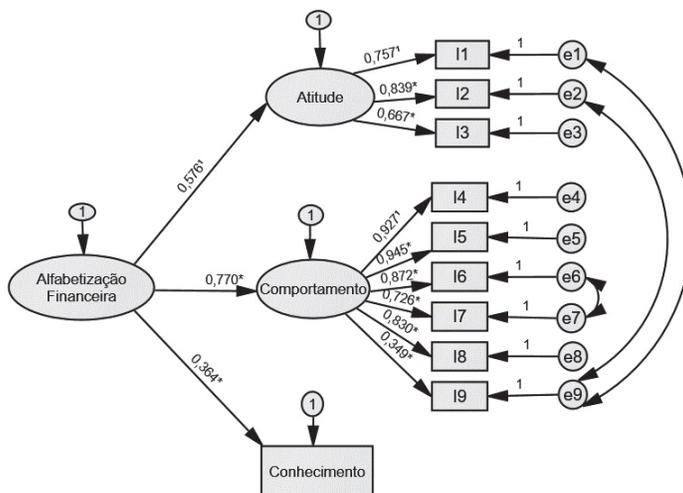
Tabela 7: Índices iniciais e finais do modelo de alfabetização financeira

Índex	Limite	Alfabetização Financeira	
		MI	MF
χ^2 (value)	-	234,234	121,290
χ^2 (probability)	>0,050	0,000	0,000
χ^2 /degrees of freedom	< 5,000	7,098	4,043
GFI - Goodness of Fit	> 0,950	0,973	0,986
CFI - Comparative Fit Index	> 0,950	0,980	0,991
NFI - Normed Fit Index	> 0,950	0,976	0,988
TLI - Tucker-Lewis Index	> 0,950	0,972	0,986
RMSR - Root Mean Square Residual	< 0,080	0,073	0,056
RMSEA - Root Mean Square Error of Approximation	< 0,060	0,061	0,043

Fonte: Elaborada pelas autoras (2023).

Verifica-se que o modelo possui ajuste razoável. Na medida em que alguns índices estavam aquém do recomendado na literatura, foi necessária a inserção de algumas correlações, como demonstrado no modelo final ajustado, Figura 1.

Figura 1: Modelo de alfabetização financeira.



Fonte: Elaborada pelas autoras (2023).

A Figura 1 indica que a alfabetização financeira pode ser adequadamente avaliada a partir do conhecimento, atitude e comportamento financeiros. Verifica-se ainda que o comportamento financeiro é o de maior impacto, com carga de 0,770, indo ao encontro dos achados da OECD (2013).

Por fim, foram estimados os construtos visando identificar a alfabetização financeira das mulheres. Para tanto, utilizou-se como critério de ponderação as cargas fatorais obtidas na Figura 1. Assim, os construtos atitude e comportamento financeiro foram mensurados conforme as seguintes equações: atitude financeira – $[(0,335 * I1) + (0,371 * I2) + (0,295 * I3)]/3$; comportamento financeiro – $[(0,199 * I4) + (0,203 * I5) + (0,188 * I6) + (0,156 * I7) + (0,179 * I8) + (0,075 * I9)] - 1/6$.

O conhecimento financeiro foi calculado pela soma dos acertos das três questões, e posteriormente dividido por três, para que se obtivesse todas as medidas, numa escala de zero a um. A Tabela 8 apresenta as médias, desvio padrão, máximos e mínimos desses construtos e da alfabetização financeira, e a Figura 2 apresenta os respectivos histogramas.

Tabela 8: Médias, desvios padrões, máximos e mínimos das dimensões e da alfabetização financeira

Dimensão	Média	Desvio Padrão	Máximo	Mínimo
Atitude financeira	0,609	0,278	1,0	0,0
Comportamento financeiro	0,428	0,308	1,0	0,0
Conhecimento financeiro	0,528	0,364	1,0	0,0
Alfabetização financeira	0,510	0,230	1,0	0,0

Fonte: Elaborada pelas autoras (2023).

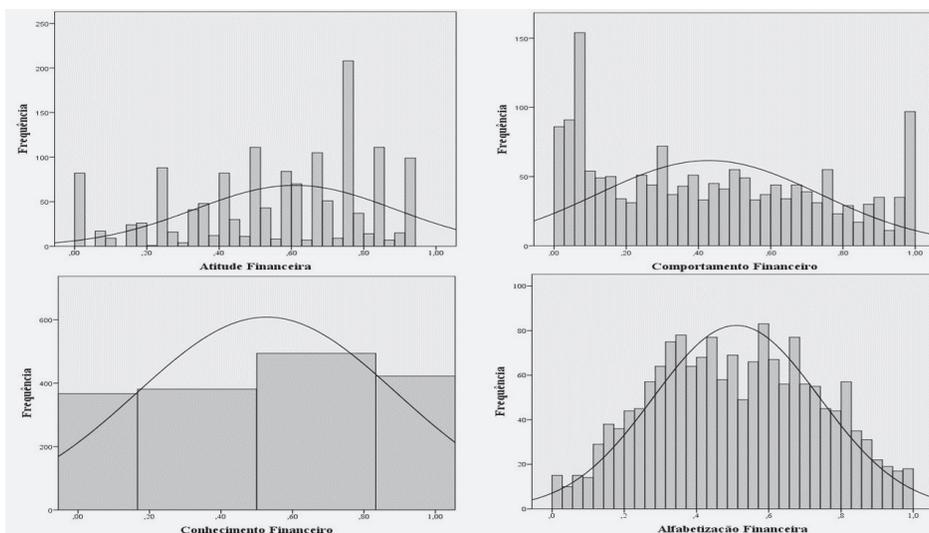


Figura 2: Distribuições de frequências para atitude, comportamento, conhecimento e alfabetização financeira.
Fonte: Elaborada pelas autoras (2023).

Observa-se, a partir da Tabela 8 e da Figura 2, que, entre as três dimensões de alfabetização financeira, a menor média se refere ao comportamento financeiro (0,428). Atitude financeira apresentou a maior média (0,609), e a distribuição assimétrica à direita indica que uma parcela das entrevistadas apresenta atitudes financeiras adequadas. Já o conhecimento financeiro obteve média de 0,527. A média de alfabetização financeira (0,510) em torno de 0,5 e uma distribuição aproximadamente simétrica demonstra que o nível de alfabetização financeira obtido por este estudo ainda está abaixo do desejável (1,0 na escala). Tal resultado vai ao encontro dos resultados apresentados por Niehues et al. (2023). Na sequência, buscou-se analisar

as possíveis diferenças de alfabetização financeira segundo as variáveis socioeconômicas e demográficas (Tabela 9).

Tabela 9: Valor e significância da homogeneidade dos grupos e ANOVA para alfabetização financeira

Alfabetização financeira	Teste de Levene	Teste F
	Significância	Valor (Significância)
Idade	0,943	4,357 (0,005)
Estado Civil	0,036	6,624 (0,000)
Raça	0,735	14,344(0,000)
Escolaridade	0,979	44,552 (0,000)
Dependentes	0,669	3,658 (0,012)
Tipo de moradia	0,404	7,612 (0,000)
Renda mensal própria	0,364	31,044 (0,000)
Renda mensal familiar	0,135	36,928 (0,000)
Ocupação	0,937	17,535 (0,000)

Fonte: Elaborada pelas autoras (2023).

Para alfabetização financeira, todas as variáveis analisadas obtiveram diferenças significativas. Em relação à idade, a categoria de 63 a 97 anos apresentou os piores índices de alfabetização financeira, quando comparada às categorias de 34 a 46 anos e de 47 a 62 anos. Tal resultado condiz com os achados de Mitchell e Lusardi (2022), que demonstram que aposentados, em faixa etária semelhante, apresentaram maior dificuldade com juros e acumulação de riqueza. Em relação ao estado civil, casadas obtiveram os melhores resultados do que solteiras e viúvas, indo de acordo aos estudos de Correio e Da Silva Correio (2020), que mencionam que casados que possuem dependentes têm maior nível de alfabetização financeira, pois buscam proporcionar maior estabilidade para a família.

Mulheres brancas também apresentaram maiores índices de alfabetização financeira, comparadas a mulheres pretas e a categoria “outras” (pardas, indígenas e amarelas). Angrisani *et al.* (2021), Al-Bahrani, Weathers e Patel (2019) e Boisclair, Lusardi e Michaud (2017) também encontraram resultados análogos, mencionando que indivíduos não brancos são menos alfabetizados financeiramente. Para escolaridade, mulheres que possuem ensino superior e pós-graduação apresentaram diferenças significativas para todas as demais categorias, indo ao encontro das análises já mencionadas na literatura. Maior nível de escolaridade está relacionado diretamente com

maior nível de alfabetização financeira (Garg; Singh, 2018; Kadoya; Khan, 2020; Klapeer; Lusardi, 2020).

Mulheres que apontaram ter quatro ou mais indivíduos sob sua dependência também apresentaram diferenças para as demais categorias – um, dois, ou três indivíduos dependentes. Tais resultados estão de acordo com os achados de Kunkel, Vieira e Potrich (2015), Potrich, Vieira e Kirch (2015) e Scheresberg (2013). Para a variável moradia, a categoria residências próprias apresentou diferenças para residências alugadas e emprestadas, a categoria casas emprestadas e alugadas também apresentou diferenças para moradias financiadas.

Quanto maior a renda da mulher, maior a sua alfabetização financeira. Segundo Kadoya e Khan (2020), rendas elevadas permitem que as pessoas busquem outros meios de conhecimento para se investir e aplicar seu dinheiro. Funcionárias públicas são melhores categorizadas quando comparadas às empregadas assalariadas, autônomas, às que não trabalham e “outras”. Também houve diferenças entre proprietárias de empresa e empregadas assalariadas e proprietárias de empresa, autônomas e não trabalham. De acordo com Kadoya e Khan, (2020) e Struckell *et al.* (2022) profissionais com estabilidade financeira, como funcionários públicos, profissionais liberais e proprietários de empresas, tendem a ser mais alfabetizados financeiramente.

Finalmente, estimou-se uma regressão linear, tendo como variável dependente a alfabetização financeira e como independente a idade e 15 variáveis *dummies*. Em virtude da heterocedasticidade dos dados, foi utilizada a regressão robusta *Heteroskedasticity Consistent Covariance Matrix* (HCCM), em função da heterocedasticidade dos resíduos (White, 1980) robusta.

Tabela 10: Resultados da regressão linear

Alfabetização financeira	Coefficientes padronizados	Qui-quadrado de Wald	Sig.	FIV
<i>Dummy</i> Estado Civil	-0,021	1,85	0,17	1,017
<i>Dummy</i> Raça	0,047	4,47	0,03	1,039
<i>Dummy</i> Moradia	0,018	0,61	0,43	1,097
<i>Dummy</i> Dependentes	0,023	0,98	0,32	1,131
<i>Dummy</i> Ocupação 1	0,041	2,45	0,12	1,500
<i>Dummy</i> Ocupação 2	-0,014	0,31	0,58	1,205
<i>Dummy</i> Crédito	-0,141	39,70	0,00	1,182
<i>Dummy</i> Gastar Mais	-0,360	276,47	0,00	1,146
<i>Dummy</i> Escolaridade 1	0,048	3,23	0,07	1,478
<i>Dummy</i> Escolaridade 2	0,102	12,09	0,00	1,718
<i>Dummy</i> Escolaridade 3	0,226	41,13	0,00	2,528
<i>Dummy</i> Renda 1	0,015	0,25	0,62	2,008
<i>Dummy</i> Renda 2	0,074	5,18	0,02	2,307
<i>Dummy</i> Renda 3	0,100	12,18	0,00	1,794
<i>Dummy</i> Renda 4	0,170	23,33	0,00	2,707
Idade	-0,021	0,67	0,41	1,173

Fonte: Elaborada pelas autoras (2023).

Em relação aos pressupostos do modelo, o teste KS rejeitou a hipótese nula, indicando que os erros não possuem distribuição normal (valor=0,035 e sig=0,000). Todos os fatores de inflação (FIV) são menores que 10, atendendo ao pressuposto da ausência de multicolinearidade. O coeficiente de determinação ajustado é de 0,152, indicando que 15,2% das variações no nível de alfabetização financeira das mulheres podem ser explicados pelo modelo estimado.

Para a variável raça, o coeficiente obtido reforça os resultados já expostos na Tabela 9, em que mulheres autodeclaradas pretas, pardas, indígenas e amarelas tendem a ser menos alfabetizadas financeiramente do que mulheres brancas, resultado condizente com os estudos de Agrisani *et al.* (2021) e Kim e Xiao (2021), pesquisas que também constataram os piores desempenhos para as mulheres negras, pardas e indígenas.

Ademais, ter crédito consignado e gastar mais do que se ganha também foram significativos, indicando que as mulheres que possuem um menor controle da sua vida financeira tendem a apresentar piores níveis de alfabetização financeira. Os resultados indicam ainda que mulheres que

possuem o ensino superior, MBA, mestrado ou doutorado, assim como para aquelas com renda acima de R\$ 2.200, tendem a ser mais alfabetizadas do que as com menores graus de instrução e renda. Esses achados vão ao encontro dos resultados apresentados por Kadoya e Khan (2020) e Klapeer e Lusardi (2020). Os autores mencionam que, quanto maior a escolaridade do indivíduo, maiores as probabilidades de adquirir conhecimentos em finanças.

Portanto, os resultados indicam que há diferenças significativas de alfabetização financeira entre as mulheres. As negras, pardas, com baixa renda e escolaridade inferior ao ensino superior apresentam os menores níveis de alfabetização financeira, sendo estes os grupos de mulheres mais vulneráveis.

4 Considerações finais

Os resultados apontam diferenças significativas no nível de alfabetização financeira das mulheres, segundo variáveis socioeconômicas e demográficas. Assim, pode-se constatar que, além do *gap* existente entre homens e mulheres (Almenberg; Dreber, 2015; Bannier; Neubert, 2016; Boisclair, Lusardi; Michaud, 2017; Cupák *et al.*, 2018; Fauzi; Antoni; Suwarni, 2020; Fletschner; Mesbah, 2011; Hauff *et al.*, 2020; Kadoya; Khan, 2020; Karakurum-Ozdemir, 2019; Klapper; Lusardi; Van Oudheusden, 2015; Lusardi; Mitchell, 2019; Murendo; Mutsonziwa, 2017; Tinghög *et al.*, 2021), também existem amplas diferenças entre as mulheres.

As separações dos grupos por cor da pele, grau de instrução, renda própria e familiar, idade e estado civil indicaram que, quando o assunto é alfabetização financeira, existem diferenças significativas no nível médio de alfabetização financeira. Tais diferenças podem ter diversas origens, como culturais, sociais e econômicas. Autores como Hooks (2019), Borges, Da Cunha Silva e Lopes (2022), Santos (2022) e Nunes e Macedo (2023) abordam tais diferenças como feminismo plural. Nesse sentido, a luta por igualdade de gênero não acontece de forma homogênea e hegemônica por parte de uma classe dominante, mas de forma plural, assim como as diversidades existentes entre as mulheres, pois entende-se que partir de lugares distintos, seja relacionado à renda, cor da pele, idade, profissão, exige tratamentos distintos. Dessa forma, pôde-se perceber, a partir da Tabela 9, que todas as variáveis mencionadas apresentaram diferenças para alfabetização financeira, reafirmando as diferenças existentes entre grupos de mulheres.

Diante de tais resultados, fica evidente que, para além das diferenças entre gêneros, há uma ampla diferenciação entre as mulheres. Dessa forma, faz-se necessária a criação de políticas públicas voltadas para os grupos minoritários e menos alfabetizados financeiramente. Abordar variáveis de raça, ocupação, renda, grau de instrução e número de dependentes é essencial para a existência de uma verdadeira equidade e eficiência das políticas públicas já existentes, tendo em vista que projetos voltados à educação financeira já vêm sendo desenvolvidos e contemplados no Brasil. Algumas iniciativas do Governo Federal (Brasil, 2018) já estão sendo implantadas como, por exemplo, contemplar usuárias do bolsa família com cursos de educação financeira, mas estas ainda são incipientes, se considerado o cenário destacado neste estudo. Uma visão mais profunda dessas questões é necessária para que os gestores públicos consigam implementar políticas públicas diferenciadas que sejam realmente capazes de tornar as mulheres mais capazes de tomar decisões financeiras adequadas, salvaguardar o seu futuro e contribuir para a redução das desigualdades e o fortalecimento da economia (Sundarassen *et al.*, 2023).

Além do governo, instituições financeiras, organizações não governamentais e instituições de ensino podem e devem abraçar a causa feminina para que se possa construir um país que almeje reduzir o analfabetismo financeiro e suas amplas diferenças, propiciando uma maior inclusão financeira e bem-estar financeiro a uma parcela significativa da população. Os resultados desses esforços poderão ir além dos efeitos positivos na gestão financeira familiar e na economia, já que evidências apontam efeitos positivos da alfabetização financeira e do empoderamento feminino na redução da intimidação dos parceiros (Raj *et al.*, 2018) e da violência doméstica (Postmus *et al.*, 2013).

Referências

AGNEW, Stephen; CAMERON-AGNEW, Trudi. The influence of consumer socialisation in the home on gender differences in financial literacy. In: **International journal of consumer studies**, v. 39, n. 6, pp. 630 - 638, 2015.

AL-BAHRANI, Abdullah; WEATHERS, Jamie; PATEL, Darshak. Racial differences in the returns to financial literacy education. In: **Journal of Consumer Affairs**, v. 53, n. 2, pp. 572 - 599, 2019.

ALMENBERG, Johan; DREBER, Anna. Gender, stock market participation and financial literacy. In: **Economics Letters**, v. 137, pp. 140 - 142, 2015.

ANGRISANI, Marco *et al.* The racial/ethnic gap in financial literacy in the population and by income. In: **Contemporary Economic Policy**, v. 39, n. 3, pp. 524 - 536, 2021.

ANSAR, Saniya; KLAPPER, Leora; SINGER, Dorothe. The importance of financial education for the effective use of formal financial services. In: **Journal of Financial Literacy and Wellbeing**, v. 1, n. 1, pp. 28 - 46, 2023.

BANNIER, Christina E.; NEUBERT, Milena. Gender differences in financial risk taking: The role of financial literacy and risk tolerance. In: **Economics Letters**, v. 145, pp. 130 - 135, 2016.

BANNIER, Christina *et al.* The gender gap in 'Bitcoin literacy. In: **Journal of Behavioral and Experimental Finance**, v. 22, pp. 129 - 134, 2019.

BARROSO, Hayeska Costa; GAMA, Mariah Sá Barreto. Os impactos da pandemia de Covid-19 na vida das mulheres docentes do departamento de serviço social da universidade de Brasília. In: **Revista Gênero**, v. 23, n. 1, 2022.

BOISCLAIR, David; LUSARDI, Annamaria; MICHAUD, Pierre-Carl. Financial literacy and retirement planning in Canada. In: **Journal of pension economics & finance**, v. 16, n. 3, pp. 277 - 296, 2017.

BORGES, Lara Lara Gomes; DA CUNHA SILVA, Alessandra Teixeira; LOPES, Ester Ulácia Lopes. A tradição das bonecas abayomis: reflexões sobre raça, classe e gênero no serviço social. In: **Revista Gênero**, v. 23, n. 1, 2022.

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular: Educação é a base*. Ministério da Educação, MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/04/BNCC_Ensino_Medio_embraixa_site.pdf>. Acesso em: 17 de junho de 2023.

BYRNE, B. M. **Structural equation modeling with AMOS: Basic concepts, applications, and programming**. Routledge, 2016.

CHEN, Haiyang; VOLPE, Ronald P. An analysis of personal financial literacy among college students. In: **Financial services review**, v. 7, n. 2, pp. 107 - 128, 1998.

CLARK, Robert L. Effectiveness of employer-provided financial education programs. In: **Journal of Financial Literacy and Wellbeing**, pp. 1 - 15, 2023.

CLARK, Robert L; LUSARDI, A., MITCHELL, O. S., & DAVIS, H. Factors contributing to financial well-being among Black and Hispanic women. In: **The Journal of Retirement**, 9(1), pp. 71-97, 2021.

CORREIO, Maria Gabriela Pabis; DA SILVA CORREIO, Antônio João Hocayen. Fatores intervenientes nos níveis de alfabetização financeira de acadêmicos em processo de formação. In: **Razão Contábil e Finanças**, v. 11, n. 2, 2020.

CUPÁK, Andrej *et al.* Decomposing gender gaps in financial literacy: New international evidence. In: **Economics Letters**, v. 168, pp. 102 - 106, 2018.

CUPÁK, Andrej; FESSLER, Pirmin; SCHNEEBBAUM, Alyssa. Gender differences in risky asset behavior: The importance of self-confidence and financial literacy. In: **Finance Research Letters**, v. 42, pp. 101 - 880, 2021.

DALLE CORT, Natalia. Proporção de mulheres que investem na B3 caiu na última década, de 25 a 22%. In: *Investe News*, 2023. Disponível em: <<https://investenews.com.br/financas/proporcao-de-mulheres-que-investem-na-b3-caiu-na-ultima-decada-de-25-a-22/>>. Acesso em: 10 de julho de 2023.

DEMIRGÜÇ-KUNT, Asli *et al.* **The Global Findex Database 2021**: Financial inclusion, digital payments, and resilience in the age of COVID-19. World Bank Publications, 2022.

DE OLIVEIRA E SILVA, Guilherme *et al.* Alfabetização financeira versus educação financeira: um estudo do comportamento de variáveis socioeconômicas e demográficas. In: **Revista de Gestão, Finanças e Contabilidade**, v. 7, n. 3, 2017.

DIEM, Nguyen Thi Ngoc *et al.* The Impact of Personal Financial Literacy on the Choice of Lending Channel by Vietnamese Householders Who Just Escaped Poverty. In: **International Journal of Professional Business Review**, v. 8, n. 4, p. 53, 2023.

DRIVA, Anastasia; LÜHRMANN, Melanie; WINTER, Joachim. Gender differences and stereotypes in financial literacy: Off to an early start. In: **Economics Letters**, v. 146, pp. 143 - 146, 2016.

FAUZI, Fitriya; ANTONI, Darius; SUWARNI, Emi. Women entrepreneurship in the developing country: The effects of financial and digital literacy on SMEs' growth. In: **Journal of Governance and Regulation**, v. 9, n. 4, 2020.

FLETSCHNER, Diana; MESBAH, Dina. Gender disparity in access to information: do spouses share what they know?. In: **World Development**, v. 39, n. 8, pp. 1422-1433, 2011.

FLORES, Sílvia Amélia Mendonça; VIEIRA, Kelmara Mendes; CORONEL, Daniel Arruda. Influência de fatores comportamentais na propensão ao endividamento. In: **Revista de Administração FACES Journal**, 2013.

FORNERO, Elsa; PRETE, Anna Lo. Financial education: From better personal finance to improved citizenship. In: **Journal of Financial Literacy and Wellbeing**, pp. 1 - 16, 2023.

GARG, Neha; SINGH, Shveta. Financial literacy among Youth. In: **International journal of social economics**, v. 45, n. 1, pp. 173-186, 2018.

GOYAL, Kirti; KUMAR, Satish. Financial literacy: A systematic review and bibliometric analysis. In: **International Journal of Consumer Studies**, v. 45, n. 1, pp. 80-105, 2021.

HAIR, Joseph; BRACK, William; BABIN, BARRY; ANDERSON. **Multivariate data analysis**. Cengage Learning. Hampshire, 8th, United Kingdon, 2019.

HASLER, Andrea *et al.* Resilience and wellbeing in the midst of the COVID-19 pandemic: The role of financial literacy. In: **Journal of Accounting and Public Policy**, v. 42, n. 2, 2023.

HAUFF, Jeanette C. *et al.* Retirement financial behaviour: how important is being financially literate?. In: **Journal of Consumer Policy**, v. 43, p. 543 - 564, 2020.

HOOKS, Bell. Feminism is for everybody. In: _____. **Ideals and Ideologies**. Routledge, 2019.

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**, 2020.

KADOYA, Yoshihiko; KHAN, Mostafa Saidur Rahim. What determines financial literacy in Japan?. In: **Journal of Pension Economics & Finance**, v. 19, n. 3, pp. 353 - 371, 2020.

KARAKURUM-OZDEMIR, Kamer; KOKKIZIL, Melike; UYSAL, Gokce. Financial literacy in developing countries. In: **Social Indicators Research**, v. 143, p. 325 - 353, 2019.

KIM, Kyoung-tae; XIAO, Jing Jian. Racial/ethnic differences in consumer financial capability: The role of financial education. In: **International Journal of Consumer Studies**, v. 45, n. 3, pp. 379 - 395, 2021.

KLAPPER, Leora; LUSARDI, Annamaria. Financial literacy and financial resilience: Evidence from around the world. In: **Financial Management**, v. 49, n. 3, pp. 589 - 614, 2020.

KLAPPER, Leora; LUSARDI, Annamaria; VAN OUDHEUSDEN, Peter. Financial literacy around the world. In: **World Bank**. Washington DC: World Bank, v. 2, pp. 218 - 237, 2015.

KLINKE, R.B. **Principles and Practice of Structural Equation Modeling**. The Guilford Press, 2015.

KUNKEL, Franciele Inês Reis; VIEIRA, Kelmara Mendes; POTRICH, Ani Caroline Grigion. Causas e consequências da dívida no cartão de crédito: uma análise multifatores. In: **Revista de Administração**, v. 50, pp. 169 - 182, 2015.

LANZ, Margherita; SORGENTE, Angela; DANES, Sharon M. Implicit family financial socialization and emerging adults' financial well-being: A multi-informant approach. In: **Emerging Adulthood**, v. 8, n. 6, pp. 443 - 452, 2020.

LUSARDI, Annamaria; MITCHELL, Olivia S. Financial literacy and retirement planning in the United States. In: **Journal of pension economics & finance**, v. 10, n. 4, pp. 509 - 525, 2011.

LUSARDI, Annamaria. Financial literacy and the need for financial education: evidence and implications. In: **Swiss Journal of Economics and Statistics**, v. 155, n. 1, pp. 1 - 8, 2019.

LUSARDI, Annamaria; MESSY, Flore-Anne. The importance of financial literacy and its impact on financial wellbeing. In: **Journal of Financial Literacy and Wellbeing**, v. 1, n. 1, pp. 1 - 11, 2023.

NUNES, Caroline Cabral; MACEDO, João Paulo. Encarceramento Feminino: um Debate entre Criminologia e Perspectivas Feministas. In: *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 43, p. e249513, 2023.

MALUF, Sâmia Nagib; SILVA, Ana Gabrielly Moraes; CORDEIRO, Breno Cândido. Alfabetização financeira dos universitários lusófonos: Evidências de uma universidade do interior do Ceará, Brasil. In: **Research, Society and Development**, v. 10, n. 9, pp. e20210917527-e20210917527, 2021.

MITCHELL, Olivia S.; LUSARDI, Annamaria. Financial literacy and financial behavior at older ages. In: **Wharton Pension Research Council Working Paper**, 2022.

MURENDO, Conrad; MUTSONZIWA, Kingstone. Financial literacy and savings decisions by adult financial consumers in Zimbabwe. In: **International journal of consumer studies**, v. 41, n. 1, pp. 95-103, 2017.

MUSTAFA, Wan Mashumi Wan *et al.* The effects of financial attitudes, financial literacy and health literacy on sustainable financial retirement planning: The moderating role of the financial advisor. In: **Sustainability**, v. 15, n. 3, p. 2677, 2023.

NIEHUES, Andrea Luisa *et al.* Nível de alfabetização financeira pessoal de estudantes universitários brasileiros. In: **Revista de Gestão e Secretariado**, v. 14, n. 3, pp. 2814 - 2835, 2023.

OECD. **Assessment and Analytical Framework Mathematics, Reading, Science, Problem Solving and Financial Literacy**, 2013.

POSTMUS, Judy L. *et al.* Financial literacy: Building economic empowerment with survivors of violence. In: **Journal of Family and Economic Issues**, v. 34, pp. 275 - 284, 2013.

POTRICH, Ani Caroline Grigion; VIEIRA, Kelmara Mendes; KIRCH, Guilherme. Determinantes da alfabetização financeira: análise da influência de variáveis socioeconômicas e demográficas. In: **Revista Contabilidade & Finanças**, v. 26, pp. 362 - 377, 2015.

..... Você é alfabetizado financeiramente? Descubra no termômetro de alfabetização financeira. In: **Revista Base**, v. 13, n. 2, pp. 153 - 170, 2016.

POTRICH, Ani Caroline Grigion; VIEIRA, Kelmara Mendes; PARABONI, Ana Luiza. As mulheres são realmente menos educadas financeiramente? O efeito 'não sei'. In: **Teoria e Prática em Administração**, v. 12, n. 2, 2022.

RAJ, Anita *et al.* B. Longitudinal analysis of the impact of economic empowerment on risk for intimate partner violence among married women in rural Maharashtra, India. In: **Social Science & Medicine**, v. 196, pp. 197 - 203, 2018.

RODRIGUES, Rita Karoliny Nunes *et al.* Educação financeira: um estudo bibliométrico sobre os artigos disponíveis no portal de periódicos spell. In: **Razão Contábil e Finanças**, v. 14, n. 1, 2023.

SANTOS, Thamires Costa Meirelles dos. Contribuições para o aprofundamento do debate étnico-racial na formação em serviço social a partir de Lélia Gonzalez. In: **Revista Katálysis**, v. 25, pp. 232 - 241, 2022.

SERIDO, Joyce *et al.* The lengthening transition to adulthood: Financial parenting and recentering during the college-to-career transition. In: **Journal of Family Issues**, v. 41, n. 9, p. 1626-1648, 2020.

SCHERESBERG, Carlo. Financial literacy and financial behavior among young adults: Evidence and implications. In: **Numeracy**, v. 6, n. 2, p. 5, 2013.

STRUCKELL, Elisabeth M. *et al.* Financial literacy and self-employment – The moderating effect of gender and race. In: **Journal of Business Research**, v. 139, pp. 639 - 653, 2022.

SUNDARASEN, Sheela *et al.* Women's financial literacy: A bibliometric study on current research and future directions. In: **Heliyon**, 2023.

TINGHÖG, Gustav *et al.* Gender differences in financial literacy: The role of stereotype threat. In: **Journal of Economic Behavior & Organization**, v. 192, pp. 405 - 416, 2021.

VIEIRA, Kelmara Mendes; JÚNIOR, Fernando de Jesus Moreira; POTRICH, Ani Caroline Grigion. Measuring financial literacy: Proposition of an instrument based on the Item Response Theory. In: **Ciência e Natura**, v. 42, p. 38, 2020.

VIEIRA, Kelmara Mendes *et al.* Alfabetização financeira dos jovens universitários rio-grandenses. In: **Desenvolve Revista de Gestão do Unilasalle**, v. 5, n. 1, pp. 107 - 133, 2016.

VIEIRA, Kelmara Mendes; FLORES, Sílvia Amélia Mendonça; CAMPARA, Jéssica Pulino. Propensão ao Endividamento no Município de Santa Maria (RS): verificando diferenças em variáveis demográficas e culturais. In: **Teoria e Prática em Administração (TPA)**, v. 4, n. 2, pp. 180 - 205, 2014.

VIEIRA, Kelmara Mendes *et al.* Construction and validation of a perceived financial well-being scale (PFWBS). In: **International Journal of Bank Marketing**, v. 41, n. 1, pp. 179 - 209, 2023.

VIEIRA, Kelmara Mendes; MATHEIS, Taiane Keila; ROSENBLUM, Tamara Otilia Amaral. Preparação financeira para aposentadoria: análise multidimensional da percepção dos brasileiros. In: **Revista Contabilidade & Finanças**, v. 34, p. e1705, 2023.

WARD, Adrian F.; LYNCH JR, John G. On a need-to-know basis: How the distribution of responsibility between couples shapes financial literacy and financial outcomes. In: **Journal of Consumer Research**, v. 45, n. 5, pp. 1013 - 1036, 2019.

WHITE, Halbert. A heteroskedasticity-consistent covariance matrix estimator and a direct test for heteroskedasticity. In: **Econometrica: journal of the Econometric Society**, pp. 817 - 838, 1980.

ZAIMOVIC, Azra *et al.* Mapping Financial Literacy: A Systematic Literature Review of Determinants and Recent Trends. In: **Sustainability**, v. 15, n. 12, p. 9358, 2023.

Recebido em agosto de 2023.

Aprovado em abril de 2024.